

MOIMENTO

Publicação da Universidade Federal Fluminense - nº 153 - agosto/setembro 2005
www.momentouff.br

UFF



Tudo pela sétima arte
Jovens cineastas mostram talento e driblam dificuldades **pág. 6**

Bandejão ganha novo sistema de energia **pág. 3**

Um treinamento mais humano para o Alzheimer **pág. 10**

Vencendo limites através da dança **pág. 12**



Editorial

Fonte natural de energia, o Sol é a “matéria-prima” da reportagem de Joana Carvalho, que foi conhecer a iniciativa do Laboratório de Energia dos Ventos (LEV) no “Bandeirão”.

Kátia Vieira mostra como especialistas da UFF elaboraram um projeto que resultou no Plano Municipal de Redução de Riscos de Escorregamento de Encostas para Niterói.

De olho no crescimento da indústria de cosméticos, Andréa Budoia investiga as últimas novidades do Lacos, onde estudantes põem em prática o que aprendem em sala de aula.

Esta edição traz também boas notícias para o setor naval e *offshore*: Gabriel Benamor fala da implantação do curso de graduação em Engenharia de Petróleo a partir de 2006, enquanto Joana Carvalho antecipa a participação da UFF na “Niterói Fenashore”, em setembro.

O **Momento UFF**, em reconhecimento ao talento, criatividade e ao notável esforço dos alunos de Cinema e Vídeo, reserva a matéria de capa, de autoria de Raquel Júnia, para a produção que conquista cada vez mais espaço e prêmios em festivais brasileiros e internacionais.

Da Inglaterra medieval para os gramados da UFF, um esporte que preza a ética e o respeito pelo adversário: o rugby. Sílvia Vilanova desmistifica o jogo considerado violento para o senso comum.

Vale a pena conferir também a reportagem de Livia Duarte sobre o envolvente trabalho de um grupo especial de dança, formado por jovens que superam deficiências por meio da arte.

No bloco de entrevistas, Regina Schneiderman conversa com o professor Williams Gonçalves, que traça um panorama positivo da política externa brasileira. Já Rosane Fernandes fala com a professora e pesquisadora Vilma Duarte Câmara sobre o Mal de Alzheimer e o segredo para reduzir o sofrimento dos pacientes.

Correção

A legenda da foto da reportagem “Novas armas no combate ao câncer”, publicada na edição nº 152 do **Momento UFF** é a seguinte: Da esquerda para a direita, a coordenadora-geral da pesquisa, professora Thereza Quirico-Santos, a farmacêutica e bioquímica Regina Caetano e o professor e neurocirurgião Clovis Fonseca.

GLOBALIZAÇÃO E DIÁSPORA AFRICANA

Julio Cesar de Tavares*

De Alexandre, o Grande, aos romanos dos Césares, do Cristianismo de Pedro à Mongólia de Genghis Khan, do Islã de Maomé às Cruzadas Ibéricas, a característica marcante encontrada em todos esses processos imperiais – da antiguidade ao mundo moderno – é a tendência para a expansão de fronteiras, compreendida como globalização das trocas econômicas e do modo de vida das elites dos impérios constituídos.

Portanto, podemos afirmar que a globalização não é um fenômeno singular da modernidade avançada ou tardia conforme insistem alguns estudiosos. O que tem se caracterizado como um traço realmente singular nesta recente etapa do capitalismo capitalista é a multiplicidade de globalizações, apesar de toda a hegemonia da civilização ocidental atingida pela explosão da tecnologia comunicacional e pelo controle bio-político das sociedades, sendo os Estados Unidos, a ponta-de-lança deste processo. Assim, assistimos, para além da globalização hegemônica neoliberal, a várias outras formas desse fenômeno marcadamente intercultural, com panorâmicas segmentadas das experiências materiais e subjetivas dos humanos que se mantêm subalternidade como os africanos e seus descendentes fora África; indígenas em todas as partes do mundo; os ciganos, que, entre outros tantos movimentos, ao agirem nesta direção cooperam para que a história humana se torne, por conseguinte, mais plural na própria construção global.

O ensinamento que se pode extrair desta multiplicidade de globalizações tem demonstrado que inúmeras experiências civilizatórias podem ser narradas e incorporadas em uma complexa panorâmica que descreveria e analisaria a trajetória, muitas vezes dispersa por milhares de anos e em muitos continentes, das transmigrações, das trocas epistêmicas, do jugo colonial, da escravidão, dos apagamentos da memória, etc.

E foi com esta expectativa de reconstituição em uma visão global das múltiplas narrativas dos africanos e de seus descendentes dispersos pelo mundo, que intelectuais e ativistas se dispuseram a pesquisar, observar, descrever e construir uma história e uma reflexão da sobreposição das experiências civilizatórias africanas e da dispersão de todos os seus descendentes de africanos pelo planeta. Os pesquisadores foram alimentados pela idéia de que seria possível uma história que revelasse as experiências de movimentação dos negros pelo mundo em busca de sucesso e melhores condições, ao mesmo tempo que fosse capaz de promover o encontro de uma consciência globalizada daquela experiência em busca da unidade transcontinental. Esta busca resultou nos movimentos da Negritude e do Pan-Africanismo, surgidos no bojo das lutas de libertação dos povos africanos durante o processo de descolonização da África e Ásia.

Recentemente, a discussão em torno da valorização e inclusão social dos descendentes de africanos ganhou um forte impulso em todo o mundo e em especial na América Latina, onde tal debate sempre estivera amortecido. Esta valorização ocorre em um processo de sofisticação analítica que acontece nos Estados Unidos, com a introdução do conceito Diáspora Africana, um conceito agregador, que veio promover a aproximação da experiência dos africanos a dos seus descendentes fora da África. Com a utilização do conceito diáspora, tomado de empréstimo da experiência judia, o objetivo principal é elucidar a dispersão ocorrida durante séculos desde Abraão.

Em sintonia com o momento de redescoberta do negro no Brasil e no mundo se realizará nos dias 5, 6 e 7 do mês de outubro de 2005, no Hotel Sofitel - Copacabana, no Rio de Janeiro, a III Conferência Bienal da ASWAD (Association for the Study of the Worldwide African Diaspora). Esta instituição foi criada em 2001, na Universidade de Nova York, com o objetivo de congregar, em reuniões bienais, o maior número possível de estudiosos da diáspora africana. Mais informações no site www.aswadiaspora.org.

* Professor do departamento de Estudos Culturais e Mídia, Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF

**Leia o artigo na íntegra no site www.uff.br/noticias

realização



Universidade Federal Fluminense - Reitor: Cícero Mauro Fialho Rodrigues - Vice-Reitor: Antonio José dos Santos Peçanha Núcleo de Comunicação Social - Diretora: Cristina Ruas - Momento UFF - Editoras: Luiza Peluso e Pamela Archontakis Redação: Luiza Peluso, Pamela Archontakis, Regina Schneiderman, Rosane Fernandes e Sonia de Onofre Criação e Produção Gráfica: Marcos Aurélio R. Monteiro e Alexandre Facuri - Bolsistas: Anna Carolina, Andrea Budoia, Fred Félix, Joana Carvalho, Livia Duarte, Raquel Júnia e Sílvia Vilanova (Jornalismo), Daniel Saturnino Braga, Lucas Louis, Frederico Lopes (Publicidade e Propaganda) - Endereço: Rua Miguel de Frias, 9, 8º andar, Icaraí, Niterói/RJ - 24220-000 - Tels.: 2629-5239 e 2629-5244 (telefax) - E-mail: nucs@vm.uff.br - Tiragem: 13.000 exemplares Fotolito e impressão offset: Crimalá Produções Gráficas e Editora Ltda. - Site UFF Notícias: www.noticias.uff.br



PROJETO TRAZ ENERGIA SOLAR PARA A UFF

Joana Carvalho

A instalação do Laboratório de Energia Solar (Labsol) na Divisão de Orientação Alimentar (DOA) – mais conhecida como “Bandeirão” –, vai garantir água quente por muito tempo e a um custo bem mais baixo. Pioneira na UFF, a iniciativa do Laboratório de Energia dos Ventos (LEV) inova, substituindo a energia elétrica por energia solar. O Labsol é fruto de uma parceria do LEV com a Finep.

A idéia surgiu a partir da necessidade de se ter água quente em quantidade suficiente para lavar os utensílios de preparo das refeições servidas na DOA. Até há pouco tempo, uma resistência elétrica garantia o abastecimento dessa demanda. Entretanto, os custos com contas e manutenção de equipamentos eram altos, o que motivou o LEV a criar o Labsol.

O laboratório

Um reservatório de 500 litros de água é exposto ao sol por meio de placas coletoras. A água já aquecida circula naturalmente pela tubulação que a disponibiliza nas torneiras da DOA. Isso ocorre por meio do processo chamado “termossifão”: com a ajuda da gravidade, a água fria fica retida na base do depósito, enquanto a quente é liberada para a parte superior.

De acordo com o engenheiro do LEV Daniel Lisboa, em um sistema de energia solar a localização do equipamento é essencial. “Foi necessário realizar pesquisas e observações para decidirmos onde seriam instalados os coletores solares de acordo com a incidência do sol”, explica o especialista.

A presença de sensores na tubulação permite a medição da temperatura da água –

que chega a alcançar 80°C –, além de analisar o tempo de aquecimento, de entrada e saída do sistema. Outro equipamento instalado com o objetivo de promover ensaios foi uma pequena bomba que permite avaliar as vantagens de uma circulação automática.

A escolha do local onde seria colocado o coletor solar – no chão ao invés do telhado – foi pensada para privilegiar a visita de alunos, principalmente dos cursos de Arquitetura, Engenharia Elétrica e Civil. “Como na maioria dos projetos do LEV, nós não pensamos somente em resolver um problema, mas, sim, em utilizar os resultados para se promover o ensino”, destaca o engenheiro Daniel Lisboa.

Para a diretora da DOA, Paola Gonçalves, o Labsol representa uma conquista para a UFF. “Só temos de elogiar o novo sistema, que reduzirá bastante os gastos da universidade”, ressalta. O antigo sistema não foi totalmente eliminado, pois, em dias nublados, quando não houver reserva de água quente, a resistência poderá substituir a energia solar.



Equipe do LEV responsável pelo Labsol

Além de prever o aquecimento de água por meio de energia solar, o projeto tem outros objetivos. “A principal meta desse projeto é conscientizar os alunos e a comunidade da UFF sobre o uso de fontes alternativas para aquecimento de água, em substituição da energia elétrica, e demonstrá-lo como uma tecnologia economicamente viável para a redução de consumo de energia”, ressalta o diretor do LEV, professor Geraldo Tavares.

Energia solar, uma opção inteligente

O Sol é a fonte básica e indispensável para praticamente todas as outras fontes energéticas, pois irradia na Terra, diariamente, um potencial energético incomparável a qualquer outro sistema de energia. Em apenas uma hora, o Sol lança sobre a Terra uma quantidade de energia maior que o consumo total do planeta em um ano inteiro.

O aproveitamento da energia solar começou a ser feito em 1959, nos Estados Unidos, como forma de geração de energia elétrica para os satélites. Hoje, qualquer pessoa que tenha um relógio ou calculadora solar faz uso dessa fonte em sua forma mais simples.

A energia solar vem se tornando uma das alternativas energéticas para regiões onde o atendimento por meio da expansão do sistema elétrico convencional é economicamente inviável. No Brasil, 15% da população não possui acesso à energia elétrica, e uma fonte alternativa de energia seria a solução. Embora o país tenha bons índices de insolação em qualquer parte de seu território, a instalação de um sistema para o aproveitamento de energia solar ainda exige altos investimentos. Mas esse cenário está se modificando. A tecnologia utilizada está cada vez mais competitiva devido à redução de custos. Além disso, a avaliação dos custos das outras formas de geração está considerando fatores que eram anteriormente ignorados, como a questão dos impactos ambientais.

Em relação às outras fontes de energia, a solar tem vantagens na preservação do meio ambiente, pois não é poluente, não influi no efeito estufa e não precisa de turbinas ou geradores para sua produção. Para cada metro quadrado de coletor solar instalado evita-se a inundação de 56 metros quadrados de terras férteis, na construção de novas usinas hidrelétricas.



Placas coletoras de energia solar e reservatório térmico

PREVENIR: A ÚNICA SAÍDA

Niterói é um dos 19 municípios em todo o Brasil que terá Plano de Redução de Riscos

Kátia Vieira

Embora o Brasil não seja castigado por fenômenos naturais mais graves como tsunamis e atividades vulcânicas, o país não está livre das conseqüências de desastres ambientais e da própria ação do homem, por vezes bastante nociva. Segundo dados do IBGE, 41% das cidades brasileiras já foram atingidas por deslizamentos de encostas, inundações, secas e erosão.

Em épocas de chuvas intensas, a ocorrência de deslizamentos de encostas tende a ser muito maior, causando sérios prejuízos à

população, que enfrenta desmoronamentos de casas, muitas vezes, com mortes.

Preocupada em oferecer mais segurança à comunidade e evitar situações de perigo, a UFF foi contratada pela Prefeitura de Niterói para mapear as principais áreas de risco da cidade, visando à formulação de um trabalho de prevenção que abrange desde deslizamento de encostas a transbordamento de rios.

Equipe técnica

A elaboração do Plano Municipal de Redução de Riscos é coordenada pelo professor do Departamento de Engenharia Civil Elson Nascimento e conta com a consultoria dos professores Luiz Francisco Muniz da Silva, engenheiro geotécnico, e Regina Bienenstein, arquiteta e diretora do Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais Urbanos (Nephu), além de

cinco estagiários. A conclusão do estudo está prevista para o início de 2006.

De acordo com o professor Nascimento, a iniciativa se destaca pelo seu aspecto social, além de contribuir para o reforço das atividades acadêmicas. O plano baseia-se em três metas principais: identificar as áreas de risco em assentamentos precários do município, delimitando as regiões; propor soluções estruturais (que dependem dos fenômenos da natureza) e não-estruturais (trabalho de prevenção realizado pelo homem, geralmente obras de engenharia) para situações de risco e elaborar estimativa de custos e possíveis fontes de recursos para o trabalho indicado.

Comunidade envolvida

Niterói foi um dos 19 municípios contemplados em todo o Brasil pelo Ministério das Cidades para participar do plano. “Nosso projeto estava totalmente dentro dos padrões exigidos pelo Ministério, o que levou nossa cidade a ser uma das escolhidas. No Estado do Rio, foram selecionados mais três municípios – Teresópolis, Petrópolis e a própria capital –, mas somente Niterói e Rio de Janeiro estão implementando o estudo para efetiva execução do projeto” ressalta o professor Nascimento. A proposta encaminhada em maio é uma parceria entre a UFF e a Prefeitura de Niterói.

O coordenador esclarece que os trabalhos deverão ser iniciados pela Bacia do Rio Icaraí, região que concentra grande número de comunidades – Viradouro, Vital Brazil, Alarico, Rua Inácio Menezes, Itaperuna, Morros da Cotia, do Cavalão, Souza Soares, do Beltrão, do Atalaia, de Fátima, do Arroz da Chácara e do Estado – e dispõe de informações básicas conseguidas por meio de levantamento feito por simulação com o software Sobek. A equipe conta ainda com dados como a quantidade de chuvas registrada no local nos meses de dezembro de 1987, fevereiro de 1988, dezembro de 2000, dezembro de 2001 e fevereiro de 2003. “Além do conhecimento das áreas de maior risco na Bacia do Icaraí, temos também o estudo geológico dessa área que foi desenvolvido pelo Instituto de Geociências e será um facilitador para as ações”, assegura o engenheiro.

Luiz Francisco Muniz da Silva explica que o trabalho de prevenção nas áreas de instabilidade de encostas deve observar algumas condicionantes básicas: natureza geológica do maciço, origem de sua formação, relevo (topografia da região), cobertura vegetal, capacidade de drenagem da água e forma de ocupação.

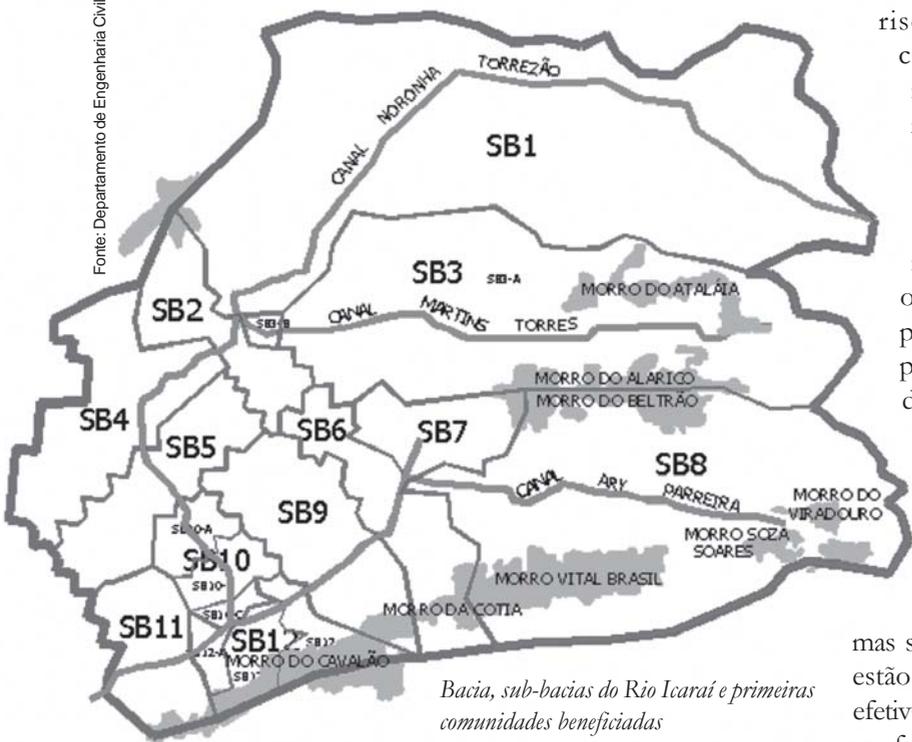
Trabalho participativo

O Nephu tem papel fundamental para estabelecer a relação entre os moradores das comunidades envolvidas com os técnicos responsáveis pelo estudo. “Temos o papel de possibilitar a participação efetiva da população. Nossa preocupação é sempre focada para que não haja nenhum dano às famílias já assentadas, pois não podemos resolver um problema criando outro. Procuramos soluções de baixo custo, buscando corrigir problemas identificados”, ressalta Regina Bienenstein.

O envolvimento da comunidade no projeto ocorre a partir da convocação das lideranças locais pelo núcleo. Os líderes são responsáveis pela organização dos moradores e pelo planejamento das atividades. É necessária a formação de uma equipe da comunidade composta por moradores representantes de quadra, que servirão como intérpretes e multiplicadores das informações relativas ao projeto. Para que haja total esclarecimento dos moradores, serão utilizados slides, cartazes cartilhas e até histórias em quadrinhos.

Além da equipe da UFF, participam do projeto técnicos da Prefeitura, da Caixa Econômica Federal e representantes da Defesa Civil.

Fonte: Departamento de Engenharia Civil da UFF



Bacia, sub-bacias do Rio Icaraí e primeiras comunidades beneficiadas

Saiba mais

Departamento de Engenharia Civil

Campus da Praia Vermelha
Rua Passo da Pátria, 156, São Domingos,
Niterói, RJ
Telefone: 2629-5442
tec@vm.uff.br

Núcleo de Estudos e Projetos Habitacionais e Urbanos (Nephu)

Assistência técnica para populações de baixa renda, por meio de associação de moradores, em regularização fundiária, projetos sanitários, assentamentos, educação ambiental e identificação de área de risco.
Rua Almirante Teffé, 637, 2º andar, Centro,
Niterói, RJ
Telefone: 2620-1034
nephu_uff@yahoo.com.br

A ESTRATÉGIA MULTILATERAL DE LULA

O resultado das últimas viagens internacionais feitas pelo presidente Lula foi tema da entrevista de Williams Gonçalves, professor do curso de mestrado em Relações Internacionais da universidade, concedida ao jornal Momento UFF. O intuito é levar ao leitor a análise de um especialista sobre a política externa brasileira e desta maneira fomentar o pensamento crítico em relação a temas que foram destaques na mídia.

Williams Gonçalves é professor do Departamento de História desde 1983 e do mestrado de Relações Internacionais desde 2003, ambos da UFF. É especialista em Relações Internacionais, licenciado e bacharel em História pela UFF, mestre em Filosofia Política pela PUC, doutor em Sociologia pela USP e autor de vários livros, como Relações internacionais, Coleção Passo a Passo, pela Jorge Zahar Editora.

Regina Schneiderman

Momento UFF – *Uma das críticas feitas ao governo Lula é de que ele estaria, principalmente na área econômica, repetindo os mesmos passos do governo Fernando Henrique Cardoso. Na área das relações internacionais existem diferenças? Quais seriam, a seu ver, as principais?*

Williams Gonçalves – A política externa do presidente Lula tem sido completamente diferente daquela executada pelo governo anterior. Sinteticamente, podemos afirmar que a política atual inscreve-se na tradição nacionalista, que tem suas origens na política externa independente (1961–1964) e na política do pragmatismo responsável (1974–1989), enquanto a política externa do governo passado inaugurou uma nova tradição liberal.

Momento UFF – *Em 2004, Lula esteve na China com uma comitiva de 460 empresários, considerada a maior já organizada. Qual a importância desse encontro para as relações entre os dois países e sua repercussão em termos internacionais?*

Williams Gonçalves – Desde que as relações diplomáticas entre os dois países foram iniciadas, em 1974, a China tem sido importante parceira do Brasil. Tal parceria tem por fundamento o fato de ambos serem países de grandes dimensões e alimentarem uma visão semelhante das relações internacionais: ambos lutam pelo fim do hegemonismo e pela multipolarização do sistema internacional. As relações entre Brasil e China são importantes não apenas no plano comercial, mas também no de investimentos produtivos e infra-estrutura e no plano da cooperação técnico-científica. Em vista disso, a parceria tem grande potencial político, como ficou demonstrado em Cancún com o “Grupo dos 20”, formado para melhor negociar com os países desenvolvidos temas de interesse das nações em desenvolvimento.

Momento UFF – *Lula também foi ao continente africano, em 2003. Em termos estratégicos para o Brasil, qual o significado dessa visita e sua repercussão entre os países que integram o chamado G8, formado pelos países mais ricos?*

Williams Gonçalves – As relações com a África são muito importantes para o Brasil. No governo FHC, valia a concepção segundo a qual política externa é comércio. A diplomacia do governo atual trabalha com o conceito de que política externa, além de ser comércio, é também geopolítica e cultura.



O professor Williams Gonçalves dando aula no curso de mestrado em Relações Internacionais da UFF

Por isso, devemos ter boas relações com nossos vizinhos do Atlântico Sul. O Brasil jamais exercerá liderança regional, nem será credível porta-voz dos países em desenvolvimento, caso não mantenha políticas de comércio, cooperação técnica e cultural e política de defesa com os países africanos.

Momento UFF – *Em maio deste ano, o presidente afirmou, ao retornar de sua visita à Coreia e ao Japão, que essa viagem estaria completando o ciclo de política externa brasileira. Qual é a sua avaliação desse encontro no contexto das relações exteriores para o Brasil?*

Williams Gonçalves – A Ásia é hoje uma região do globo marcada pelo crescimento econômico. O dinamismo das economias desses países atrai a atenção de todo o mundo, na medida em que cria inúmeras oportunidades de negócios, negócios estes que geram empregos, salários e impostos para o Estado. A orientação diplomática do governo de voltar-se para a Ásia, corresponde, portanto, aos interesses nacionais brasileiros de explorar todas as oportunidades que venham a se reverter em favor do crescimento econômico do Brasil.

Momento UFF – *O Brasil é o país que possui a maior comunidade de origem árabe do mundo – são mais de 10 milhões de habitantes. O presidente Lula, em 2003, empreendeu uma viagem bastante comentada aos países árabes, dentre eles, Síria, Líbano, Emirados Árabes, Egito e Líbia. Quais os acertos e tropeços dessa iniciativa e o que ela representou em termos estratégicos para o Brasil?*

Williams Gonçalves – Importantes laços nos unem aos países árabes, sobretudo os culturais. Faz todo sentido, portanto, que a diplomacia procure desenvolver o potencial econômico e político neles contido. Ademais, como país autônomo que aspira continuar sendo, o Brasil deve ter toda a liberdade de eleger seus parceiros, aliados e, conseqüentemente, enfrentar todos os problemas decorrentes das escolhas que julgue conveniente fazer. Os países árabes, principalmente aqueles grandes exportadores de petróleo, dispõem de muitos recursos que poderiam perfeitamente ser investidos no Brasil, contribuindo para nosso desenvolvimento.

Momento UFF – *Na sua opinião, a política protecionista adotada pelo presidente argentino pode frear os avanços já alcançados pelo Mercosul? E qual a sua avaliação quanto à política adotada pelo governo Lula?*

Williams Gonçalves – O Mercosul deve ser entendido como grande empreendimento político, decisivo para manter a paz no Cone Sul, estabilizar as instituições democráticas e aumentar o poder de barganha de nossos países com terceiros. Em vista de nossa situação de país em desenvolvimento, sempre teremos problemas econômicos e comerciais. Por isso, não se pode valorizar demasiadamente questões comerciais conjunturais. O governo do presidente Lula tem se mostrado consciente disso e tem agido corretamente, a meu ver, no sentido de minimizar as discórdias e valorizar os pontos positivos até então acumulados.

CIRCUITO ABERTO PARA O

Nova geração de cineastas mostra talento até para

Raquel Júnia

O antigo casarão que compõe o grande set de filmagem despertava naquela tarde interesse maior do que o habitual. A construção do início do século XX, já bastante deteriorada pelo tempo, ocupava, mais uma vez, lugar especial em recente produção do curso de Cinema e Vídeo da UFF. Cenas do curta-metragem “A Aparição de Madalena”, dirigido pelo aluno Fernando Secco, estavam sendo rodadas, enquanto o vulto da atriz aparecia nu na janela...

Essa atmosfera de cidade cenográfica, que desperta a criatividade dos estudantes, é encontrada no Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS), onde são ministradas as aulas. O filme de Secco expressa muito bem a principal característica do curso que, segundo o diretor do instituto, professor Antonio Serra, atrai futuros cineastas de todo o Brasil. “A intensidade com que o aluno se joga em uma produção desde o primeiro período e a autonomia que ele possui para fazer suas produções definem o perfil do cinema da UFF?”

Motivados por suas próprias idéias e pela paixão à sétima arte, os estudantes revelam seu potencial ao longo da vida acadêmica, se empenhando ao máximo para superar os poucos recursos e os muitos apertos. “Você faz o seu curso”, enfatiza Rafael Leal, aluno do quinto período, referindo-se à força de vontade que ele acredita ser a responsável pela produtividade da área de Cinema da UFF.

A cada filmagem, os alunos se transformam em atores, atrizes, diretores, contra-regras e

cenógrafos, atuando e produzindo ao mesmo tempo. É comum a presença de cartazes espalhados pelo IACS convidando estudantes para testes de atores que atraem também artistas de fora da universidade.

A maioria dos equipamentos utilizados nas produções é disponibilizada pelo instituto. Entretanto, para suprir a falta de outros materiais, a UFF e os próprios alunos recorrem a acordos com empresas e instituições que apoiam as produções, como o Centro Técnico Audiovisual (CTAv).

Cine 40 graus

O curso de Cinema e Vídeo já nasceu nobre, tendo o privilégio de ser inaugurado por Nelson Pereira dos Santos em plena ditadura militar (1968) e ter como docente um dos maiores cineastas brasileiros: Glauber Rocha. Talvez seja esse nascimento insistente, em pedra bruta, que tenha conferido tamanho sucesso e qualidade ao curso. Membro-fundador do Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (Forcine), o curso de Cinema e Vídeo é considerado pelos jovens aspirantes à carreira como o melhor do país.

Curta UFF

Além das filmagens independentes, que vão até a conclusão do curso – cuja duração mínima é de seis períodos –, é necessário que os estudantes apresentem pelo menos uma produção oficial, sendo esta totalmente financiada pela UFF. Em média, são realizados, anualmente, seis filmes de conclusão de curso, como “Dia de Madame”, de Dostoiewski Mariatt e Daniel Araújo. O filme conta a história de uma dona de casa sorteada em um programa de auditório.

Essa é a quinta produção cinematográfica dirigida por Mariatt. “Vamos amadurecendo muito, tanto com relação à parte técnica do filme, quanto no relacionamento com as pessoas”, afirma o diretor entre um ajuste e outro antes do início das gravações. “Não queremos revolucionar o cinema; queremos contar histórias divertidas e bonitas, sem que seja perdido o potencial de reflexão”, diz o assistente de produção do curta-metragem, Rafael Leal.

As filmagens de “Dia de Madame” foram feitas em sete dias e contaram com o trabalho de 30 pessoas. A mobilização é grande. O clima no local de gravação é de perfeita sintonia e profissionalismo entre todos os envolvidos, desde a figurinista ao técnico de som, ambos alunos da UFF, como quase todos. A atriz Iléia Ferraz, que tem bagagem de 20 anos de atuação em cinema, televisão e teatro, foi convidada para atuar na produção e elogia a movimentação do grupo. “Estou achando maravilhoso trabalhar aqui. Tudo está sendo feito com muito carinho, eles têm muita atenção e são muito organizados. O maior recurso necessário na produção de um filme é a qualidade profissional e isso eles têm”, diz, entusiasmada.

De acordo com a produtora-executiva do curta e estudante do curso de Biblioteconomia e Documentação, Márcia Bretas, “Dia de Madame” tem estréia prevista para setembro.

Luzes e câmeras na Terra do Sol

Mostras e festivais nacionais, circuitos alternativos de cinema, centros culturais e cineclubes são os principais meios de veiculação do que é produzido na UFF. “O espaço comercial para a produção universitária é muito pequeno”, afirma o chefe do Departamento de Cinema e Vídeo e professor da cadeira de Animação, Antônio Moreno. A UFF conta com pelo menos três cineclubes: Outros Tempos, Sala Escura e Cine Caju Social Club, criados pelos alunos e que vêm sendo espaço bastante interessante para exibição de curtas e clássicos do cinema.



Raquel Júnia

Dostoiewski, Nina Tedesco e Rafael na produção do curta

CINEMA DA UFF

superar dificuldades

Nem só de criação vive o cinema



Raquel Júnia

Gravações do filme "Dia de Madame"

Há dez anos, a UFF criou o Festival Brasileiro de Cinema Universitário (FBCU) com o objetivo principal de exibir toda a produção acadêmica de curtas, pouco valorizada em outros festivais. A edição deste ano contou com 16 produções do IACS – dez filmes em película e seis vídeos – que figuraram entre as mais de 400 apresentações do festival, exibidas, simultaneamente, no Centro de Artes UFF e Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB).

Com grande envolvimento dos alunos, o FBCU já conquistou seu espaço entre os festivais de cinema brasileiros. "A cada edição, os filmes crescem em quantidade e qualidade", garante Aleques Eiterer, um dos quatro estudantes que compõem a equipe de produção do festival. "É sempre uma coisa muito boa, de juventude, de experimentação, de trabalho. O contato direto com o público é muito importante", completa Antônio Moreno.

O projeto Sal Grosso representa bem a mais marcante característica do festival – a troca de experiências. Estudantes das universidades participantes realizam um curta-metragem em conjunto. Neste ano foi apresentada a ficção "Sobre a Maré", produzida em 2004, que teve roteiro de Guilherme Martins, aluno da Escola de Comunicação da USP, fotografia da UFF, som da UnB, direção de arte da FAAP e montagem da Unesa. O novo filme do projeto, "A Goiabeira", é de autoria do aluno Ed Lopes, da Universidade Estácio de Sá.

Cinema e vídeo em 'transe(ição)'

O currículo implantado no primeiro semestre de 2005 incentiva ainda mais a produção. "Com a nova grade, pretendemos deixar o curso mais voltado para o estudo do

cinema e aliar ainda mais teoria e produção", explica Antônio Moreno. A reformulação do curso torna ainda mais latente a necessidade de aumentar o número de professores. Segundo o diretor Antonio Serra, muitos se aposentaram e outros já estão a caminho da aposentadoria.

O quadro de disciplinas do novo currículo possibilita a produção cinematográfica em módulos. Os estudantes aprendem sobre a produção no segundo período e nos dois períodos seguintes cursam as disciplinas Oficina de Realização I e II, com ênfase, respectivamente, em direção e finalização.

Outra novidade foi o aumento de vagas, de 20 para 25, por semestre. "A UFF tem o único curso público e gratuito de Cinema do Estado do Rio. Por isso, tínhamos a obrigação de oferecer um maior número de vagas", explica Serra. O professor Moreno confirma a grande procura pelo curso. "Neste ano não foi possível nem mesmo aceitar pedidos de transferência e nem oferecermos disciplinas para outros cursos!"

Estudantes de todo o Brasil procuram a UFF, e a escolha de muitos deles é o curso de Cinema e Vídeo. Mariatti, por exemplo, é de Goiás, mas outros estados, como São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Ceará e Bahia, também estão representados pelos seus futuros cineastas.



Raquel Júnia

Professor João Luiz Vieira em aula na Cinemateca do MAM

O curso de Cinema e Vídeo da UFF foi mais uma vez pioneiro: seu novo currículo torna obrigatória a disciplina Preservação, Restauração e Políticas de Acervos Audiovisuais, ministrada pelo professor João Luiz Vieira. A cadeira, primeira da América Latina totalmente voltada para a preservação da produção cinematográfica brasileira, conta com 26 alunos e enfatiza, neste período, a documentação.

A disciplina teve início em 1999 por iniciativa do professor Hernani Heffner, atual curador de restauração da Cinemateca do MAM, e se chamava Preservação e Restauração de Filmes. "É necessário criar a consciência de conservação. Muitos produtores fazem seu filme e o deixam de lado. Além disso, todo o material em torno da produção – roteiro, cartazes, fotografias e recortes de jornais – também acaba sendo esquecido", diz João Luiz Vieira, professor da UFF desde 1981 e aluno da primeira turma de Cinema da universidade, em 1969.

Na época da criação, um grupo de alunos, motivado pelo professor Heffner, fez a restauração do primeiro curta-metragem produzido na UFF: o documentário em cores "Universidade Federal Fluminense", de 1973, apresentado no FBCU, em 2003. A partir de então, os estudantes passaram a ser estagiários da Cinemateca do MAM e tiveram uma participação decisiva no ano de crise da instituição em 2002. De acordo com Vieira, era imprescindível evitar que todo o material saísse do Rio. "Manter essa atividade de conservação, restauração e documentação aqui é muito importante, porque 70% da produção cinematográfica do Brasil são feitos no Rio", enfatiza. Todo esse esforço não foi em vão: os alunos ainda permanecem em atividade no MAM, cuidando da parte do acervo que permaneceu no Rio e buscando aumentar os materiais arquivados.

No ano em que a Cinemateca completa 50 anos, várias produtoras e profissionais da área cinematográfica doaram materiais para o museu, devido ao empenho dos alunos. "O mais interessante é que os estudantes estão em contato com o próprio material da Cinemateca, o que representa também uma contribuição para o MAM", conclui o professor.

SAÚDE E BELEZA COM SELO DE QUALIDADE

Andrea Budoia

A indústria brasileira de cosméticos está em expansão e espera para 2005 um crescimento de 20% nas exportações, segundo a Associação Brasileira de Indústria de Higiene Pessoal, Perfumes e Cosméticos (Abihpec). Atenta a isso, a Faculdade de Farmácia da UFF oferece aos seus alunos a disciplina Tecnologia de Cosméticos. A cadeira, obrigatória no currículo do curso, é ministrada no sétimo período e conta com quatro turmas de 15 alunos.

As aulas práticas são no Laboratório de Cosméticos (Lacos), onde os estudantes colocam em prática tudo o que aprendem em sala de aula. “O entusiasmo dos alunos é tão grande que, às vezes, eles produzem uma linha inteira de cosméticos”, diz Martha. O trabalho de conclusão de curso consiste na elaboração de um produto e na apresentação de uma monografia sobre o projeto. “Nós produzimos conhecimento, porque utilizamos as aulas práticas para os alunos fabricarem desde pó compacto até cera depilatória. Nosso objetivo é que eles entrem em contato com quase toda

a linha cosmética e tenham conhecimento das normas de fiscalização e rotulagem”, enfatiza a professora do Departamento de Tecnologia Farmacêutica e Cosméticos Martha de Luca.

Sonho

Atualmente, vários estudos estão em andamento no Lacos, como a viabilidade de utilização da gordura de rã nos cosméticos. Ela é rica em ácidos graxos insaturados e auxilia na permeabilidade da pele, tornando-a mais saudável. Há também uma pesquisa sobre a estabilidade de corantes de origens naturais nas composições cosméticas, como a alga *Nostoc* (espécie de alga verde-azulada ou cianofíceia).

Todos os produtos elaborados ficam em exposição na própria faculdade. Eles não podem ser comercializados, pois a disciplina ainda não dispõe de um laboratório maior e mais específico para atender a uma produção em larga escala. “Nosso sonho é a criação desse laboratório para que possamos fabricar os produtos. Nós



Linha de cosméticos do Lacos

poderíamos vendê-los na Farmácia Universitária e junto dos produtos da Grife UFF, gerando recursos para a universidade e atendendo ao ensino, pesquisa e extensão”, destaca o vice-coordenador do curso e professor da disciplina, Déo Pinheiro.

Embora a maior parte da produção se destine a atender às aulas, os professores já manipularam kits para serem distribuídos durante a Agenda Acadêmica e o Encontro de Reitores. Nesse aspecto, a Faculdade de Farmácia e a Farmácia Universitária têm sido parceiras do Lacos, por ajudar a viabilizar essa produção. “Participar desses eventos é importante, pois nos coloca em evidência e mostra à comunidade acadêmica e à sociedade nosso potencial de trabalhar com qualidade e segurança”, afirma Pinheiro.

EXPLORANDO O 'OURO NEGRO'

Gabriel Benamor

O Estado do Rio de Janeiro é responsável por mais de 70% da produção de petróleo no Brasil. Para se ter uma idéia, só a Bacia de Campos concentra 80% das reservas brasileiras, o que faz com que a maioria dos investimentos no setor se concentre na região.

De olho nesses dados, a UFF criou o curso de graduação em Engenharia de Petróleo, que terá início em 2006. Segundo o professor Rogério Lacerda, coordenador da nova especialidade, após a quebra do monopólio da Petrobrás, a demanda por profissionais desse segmento cresceu vertiginosamente, sem que houvesse mão-de-obra qualificada suficiente para atender o mercado

Gabriel Benamor



A comissão de criação do curso. Da esquerda para a direita, professores Rogério Lacerda, Fábio Passos, Fernando Mainier e Antônio Lacerda

nacional. Com isso, a UFF, a exemplo da Uenf e da UFRJ, decidiu investir na área. “Já no vestibular deste ano, oferecemos 30 vagas para o primeiro semestre”, adianta Lacerda.

O currículo é estruturado de modo que, desde o primeiro período, o aluno estude disciplinas da carreira, como Geologia do Petróleo, Produção do Petróleo e Engenharia de Reservatório, tendo contato com a realidade da profissão assim que ingressa na universidade. O objetivo é manter o interesse dos estudantes durante o chamado “ciclo básico”, no qual o índice de desistência costuma ser elevado devido à obrigatoriedade de se cursar disciplinas comuns a todas as engenharias. A duração mínima do curso é de nove semestres.

Precisa-se de engenheiros

Metade da mão-de-obra da indústria de petróleo mundial estará se aposentando nos próximos dez anos. O salário inicial de um engenheiro de petróleo é de 8,5 salários mínimos (hoje, R\$ 2.550). As principais oportunidades de estágio estão na Petrobrás, em empresas de engenharia, nas prestadoras de serviço da área e em estaleiros que constroem plataformas. A maioria destes está localizada em Niterói,

próximos do Campus da Praia Vermelha, onde será ministrado o curso.

Outra possibilidade de crescimento na profissão é o setor de gás natural. Menos poluente que outros combustíveis, como a gasolina, o carvão e o querosene, o gás deverá crescer na área industrial. Além disso, o Rio de Janeiro possui a maior frota de carros do país movidos a GNV (gás natural veicular).

A desvantagem do gás é a sua dificuldade de transporte. Como não pode ser levado em caminhões, é necessária a construção de gasodutos. O maior da América Latina traz o gás natural da Bolívia até Canoas, no Rio Grande do Sul, somando mais de três mil quilômetros de dutos. Atualmente, por causa da instabilidade política no país vizinho, devem ser feitos mais investimentos na produção nacional desse combustível.

Para o professor Lacerda, no futuro, o gás substituirá o petróleo nas indústrias, como fonte de energia térmica. Também haverá maior aproveitamento de energias limpas, como a solar e a eólica, que não causam impacto no meio ambiente.

“O petróleo deverá ter usos mais nobres como matéria-prima para a produção de solventes, fertilizantes e, principalmente, polímeros, que são materiais usados para fabricar brinquedos, tintas, adesivos, embalagens, dentre outros”, conclui o coordenador.

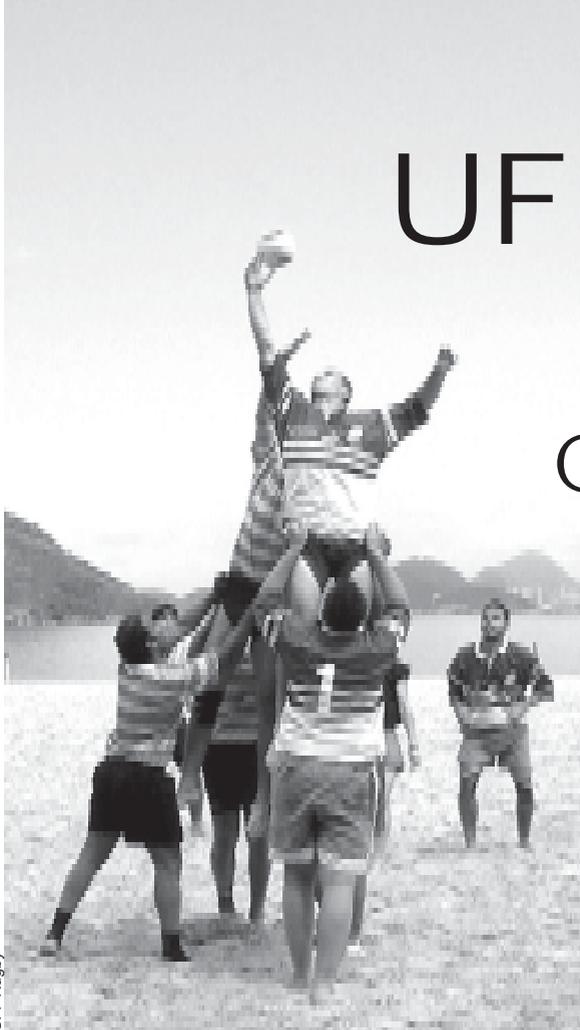
Com o objetivo principal de se tornar um dos maiores centros tecnológicos de apoio à indústria naval e offshore do país, Niterói sediará, de 19 a 22 de setembro, a Feira e Conferência Internacional de Tecnologia Naval e Offshore (Fenashore). O evento reunirá as principais empresas e profissionais do setor, expondo e debatendo o melhor da tecnologia e das oportunidades comerciais. A conferência é coordenada pela UFF, e a feira, organizada pelo Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás, Prefeitura de Niterói e Niterói Polotec.

“A participação da UFF será de extrema importância, pois durante a feira se explicitarão demandas tecnológicas não-resolvidas, que podem suscitar novas pesquisas, novas formas de cooperação entre universidade e indústria”, explica o diretor da Escola de Engenharia, Emmanuel Andrade.

As investidas da UFF nessa área não começam com a Fenashore. No início deste ano, por exemplo, foi criado o Comitê Petróleo e Gás da Escola de Engenharia com a missão de reunir os esforços dispersos no âmbito da engenharia, dando-lhes uma densidade científica e tecnológica que permitam à Escola de Engenharia da UFF se tornar referência nacional na área.

O primeiro passo concreto foi dado em 2003 ao ser inaugurado o Pólo Tecnológico de Niterói e Municípios Vizinhos (Niterói Polotec), do qual a UFF faz parte, marcando a integração da infra-estrutura acadêmica e incrementando a aptidão de uma região que acolhe cerca de 30 das principais empresas do setor de offshore.

“Temos a vantagem natural de estarmos localizados dentro do maior arranjo produtivo do setor naval offshore do Brasil. Mas a vantagem natural conta pouco no mundo globalizado. É preciso construir vantagens competitivas e isso se faz com políticas que aproximam e consolidam parcerias entre a universidade, a indústria e o governo”, conclui Andrade.



UFF Rugby

UFF RUGBY

UM TIME DE BÁRBAROS CAVALHEIROS

intenção é abrir escolinhas de rugby e realizar uma possível parceria com escolas públicas de Niterói. Precisamos, todavia, de uma infraestrutura mínima, mas temos o mais importante: união e vontade.”

Embora estejam enfrentando diversas dificuldades – o campo é improvisado e as bolas foram conseguidas pelos próprios jogadores –, o time ganhou novos uniformes da Fundação Euclides da Cunha. Além disso, o UFF Rugby já encaminhou um projeto para a construção de uma trave de alumínio portátil, desenvolvido por alunos de Engenharia.

As regras do jogo

O primeiro clube organizado no Brasil foi o Paissandu Cricket Club, fundado em 1875. Em 1964, ocorreu o 3º Campeonato Sul-Americano de Rugby, no qual o Brasil foi vice-campeão. Em Niterói, temos o Niterói Rugby, cinco vezes campeão brasileiro e ainda hoje uma das melhores equipes do Brasil.

O rugby é praticado em aproximadamente 150 países. A Copa do Mundo de Rugby (a próxima será em 2007, na França) só perde, em audiência, para a Copa do Mundo de Futebol e para as Olimpíadas. No esporte há lugar para todos os tipos físicos: altos, baixos, magros, gordos, velozes e pesados.

Os praticantes e conhecedores do esporte afirmam que o rugby, além de ser muito divertido, exige mais espírito coletivo do que o futebol. No rugby não tem espaço para o individualismo: se o time não passa a bola acaba tendo prejuízo. Durante a partida, todos atacam e todos defendem. São 15 jogadores para cada lado, e o jogo não tem intervalos.

O esporte destaca a ética e o respeito pelo adversário como um de seus pontos fortes. O chamado “terceiro tempo” é obrigatório. O time da casa oferece uma recepção, na qual os jogadores podem relaxar e confraternizar. Por isso, costuma-se dizer que o rugby é um jogo de bárbaros jogado por cavalheiros.

Inscrições e informações sobre o UFF Rugby, inclusive para saber sobre os treinos e próximos jogos, pelo site www.uffrugby.cjb.net.

Silvia Vilanova

O primeiro time universitário de rugby do Estado do Rio de Janeiro, o UFF Rugby, foi formado por iniciativa do professor de História da UFF Marcos Alvito e de um jogador do Niterói Rugby, o argentino Juan Pardal. A equipe começou a atuar no início de 2004, contando inicialmente com apenas cinco jogadores, que treinavam no gramado ao lado do Bloco N. Hoje aproximadamente 25 pessoas, incluindo seis mulheres, treinam com o UFF Rugby. Os integrantes são alunos da universidade, de outras universidades e um professor.

Marcos Alvito conta que a propaganda “boca a boca” foi essencial para a formação do time. “A idéia só surgiu durante o evento ‘Dia do Ócio’, no jogo de touch (um rugby sem contato físico), quando conhecemos o Juan Pardal, aluno da UFF. Ele sugeriu formar um time do qual seria o treinador. A partir daí, foi se formando uma rede em que cada um trazia um amigo, para se juntar aos alunos da UFF, que já jogavam no Niterói.”

Atualmente, a equipe integra o circuito nacional desse esporte: participa do Campeonato Carioca, do Torneio Universitário em Piracicaba e do Torneio de Niterói. Neste ano a última etapa do Carioca foi disputada nas quadras da UFF. O time é reconhecido pela Associação Brasileira de Rugby.

Juan Pardal, que está cursando doutorado em Engenharia Mecânica na UFF, destaca uma das metas da equipe: “Pretendemos formar um time feminino e disputar a série B do Campeonato Brasileiro.” O professor Alvito destaca que “nossa

MAL DE ALZHEIMER: QUANDO CUIDAR FAZ TODA A DIFERENÇA

Rosane Fernandes

No início do século passado o médico alemão Alois Alzheimer iniciou o acompanhamento do caso de uma paciente, com patologia neurológica, não-reconhecida. Hoje a identificamos como Mal de Alzheimer, e o nome da doença originou-se de seu descobridor. É uma patologia no córtex cerebral, causando problemas de memória, de comportamento, perda de habilidades motoras e confusão mental. Atualmente, são cerca de um milhão de pacientes no Brasil.

A UFF é centro de referência de atenção à saúde do idoso e em pacientes com doença de Alzheimer, títulos dados pelo Ministério da Saúde. O Programa Interdisciplinar de Geriatria e de Gerontologia – com todos os seus profissionais especializados – faz estudos de ensino, pesquisa e extensão e detecta o diagnóstico precocemente. Niterói é reconhecido como um dos municípios que apresentam boa qualidade de vida e tem a maior população de idosos do Rio de Janeiro – aproximadamente 65 mil para 500 mil habitantes. Foi a primeira cidade a criar uma política estadual do idoso, com a participação da UFF.

O **Momento UFF** conversou com a médica Vilma Duarte Câmara, coordenadora do programa, professora e pesquisadora da UFF. Ela não é só professora voltada para o ensino e a pesquisa, mas insere a universidade na comunidade. A especialista é também ex-presidente do Conselho Estadual do Idoso do Rio de Janeiro e participa do Conselho Municipal do Idoso de Niterói. O grande risco da doença de Alzheimer é a idade, e hoje as pessoas estão vivendo mais. Segundo a professora, “ganhamos o aumento e a qualidade de vida, mas também doenças crônicas degenerativas e uma delas é o Alzheimer”.

O que é Mal de Alzheimer?

O Mal de Alzheimer é um tipo de demência e está no grupo das degenerativas, isto é, o cérebro vai sofrendo perdas de neurônios e entrando num processo de atrofia. O órgão é responsável pelas nossas funções cognitivas: memória, orientação de tempo e de espaço, julgamento, aprendizado. Com a doença, o indivíduo vai perdendo essas funções, principalmente a memória, e também a autonomia e a independência. Ele passa a ser dependente e por isso precisa de um cuidador, pois esquece tudo o que aprendeu e não consegue assimilar mais nada. A vida de relação, a vida social acaba, e ele



Rodrigo Séllos

Vilma Câmara: a primeira manifestação de Alzheimer é relativa à memória

não tem mais a capacidade de se autocuidar. O paciente não consegue mais sequer pentear o cabelo ou escovar os dentes, perdendo a sua própria identidade, deixando de ser ele mesmo. A doença é de caráter progressivo e ainda não tem cura.

Como a doença se manifesta?

A primeira manifestação é realmente relativa à memória. O indivíduo começa a ter dificuldade de fixar lembranças, de dar nomes às pessoas e objetos e tem desorientação espacial. Às vezes, não falamos que a palavra está na ponta da língua? É isso, o paciente quer falar, mas a palavra não sai. Ele vai misturando a memória, a linguagem, sem noção de que dia é aquele. Esse processo progride lentamente até o ponto em que ele não fala mais, entra em mutismo. Ele fala sozinho, mas não elabora mais o que pensa.

Não existe mais o circuito que se chama processo da comunicação?

É isso mesmo. O paciente perde isso.

E dentro da família, a falta de esclarecimento pode ser caracterizada como esclerose, caduquice?

Antigamente, a doença de Alzheimer era chamada de demência senil, porém pode começar a partir de 40 anos (pré-senil). Hoje, em ambos os casos, considera-se Alzheimer, e a biologia molecular mostra que alguns pacientes começam com a demência mais tarde.

Mas normalmente começa a partir dos 60 anos?

É, a partir dos 60, 65 anos.

É verdade que o mau humor crônico pode causar a doença de Alzheimer?

A história do humor e da depressão é um problema muito sério. A depressão é um distúrbio do humor, e a história do humor é a seguinte: com relação ao envelhecimento, alguns autores (não existe cunho científico nisso) dizem que o bom humor no dia-a-dia leva ao prolongamento da vida. A pessoa que sorri, que tem essa visão sadia e positiva da vida, pode viver mais. Então, popularmente, diz-se que a pessoa que tem mau humor vai ter demência, não é isso! O mal-humorado não vai ter bons

relacionamentos, não procura estímulos cerebrais. E o que protege um pouco o cérebro das demências são as aquisições de conhecimentos.

Podemos, assim, separar o grupo de pessoas que tem mau humor do que tem depressão?

Sim. Depressão é uma doença, o mau humor é um distúrbio comportamental, por diversos problemas. Na realidade, o indivíduo bem-humorado tem uma qualidade de envelhecimento melhor.

É verdade que filhos que nasceram de mães com mais de 40 anos podem ter maior tendência a problemas de demência na terceira idade?

Até hoje não há nenhum marcador biológico da doença como também não temos a cura. A biologia molecular mostra que existem vários cromossomas registrando componentes genéticos da doença de Alzheimer. O cromossoma 19 faz com que a doença possa aparecer tardia e esporadicamente. O 21 é o mesmo da Síndrome de Down. Observa-se que atualmente as crianças portadoras desta síndrome estão vivendo mais, devido aos antibióticos e outros cuidados. As alterações do cérebro são semelhantes às dos doentes de Alzheimer. Por isso, se falava sobre filhos de mães mais idosas. Mas não tem nada a ver.

E a herança genética, já é aceita mais concretamente?

Sim, a herança genética está provada. Temos hoje quatro cromossomas bem estudados, responsáveis pela doença de Alzheimer. E há uma coisa muito interessante: quanto mais precocemente a doença começa, antes dos 60 anos, indica que o acometimento está sendo feito pelos cromossomas 1 e 14, que são responsáveis pela instalação mais cedo. Assim, quando a pessoa tem casos na família com a doença começando mais cedo, os descendentes têm maior probabilidade de tê-la mais cedo também. Se há mais de um caso antes dos 60 anos, esta probabilidade aumenta ainda mais.

A questão da escolaridade é uma das razões do grande crescimento das demências, nos países mais pobres? O nível de escolaridade pode influenciar na tendência a ter Alzheimer?

A aquisição de conhecimentos é muito importante – é o que faz a prevenção. Sabemos que o nível de escolaridade influencia no sentido de aumentar a aquisição. Podemos citar um trabalho muito interessante nos Estados Unidos, onde foram estudadas uma população de baixa escolaridade com doença de Alzheimer e uma outra com alta escolaridade. Essa doença é heterogênea. Um caso não é exatamente igual ao outro. Desta forma, examinaram esses dois grupos que estavam mais ou menos no mesmo nível de comprometimento (a doença pode ser leve, moderada ou grave).

Os estudos mostraram que os sintomas demoram a aparecer ou são evitáveis quando o indivíduo tem escolaridade. Por isso, é importante que todos tenham direito à educação. Mas, quanto à escolaridade, é importante lembrar que nos países muito pobres o que predomina é a doença vascular, mais até do que a de Alzheimer.

“A UFF foi a primeira universidade a fazer avaliação multiprofissional e reabilitação cognitiva”

Uma vez diagnosticado o mal, como é feito o tratamento?

O diagnóstico é um problema, porque não temos exame específico para a doença de Alzheimer. Com a pneumonia, faz-se um raio X, e a doença está lá. Com Alzheimer não. Essa doença contribuiu para melhora dos exames complementares, isto é, atualmente usamos muito a ressonância magnética, eletroencefalograma computadorizado, dentre outros. Para se fazer um diagnóstico é necessário o quadro clínico, que é fundamental, do paciente, da história familiar, e alguns exames que já dão uma dica. Não podemos ter a absoluta certeza de que é Alzheimer, mas juntando cada um desses exames podemos chegar ao diagnóstico. Não há cura, e temos de ser muito claros com os familiares. Podemos reduzir alguns sintomas, resgatar a capacidade de o paciente exercer suas atividades diárias, se cuidar um pouco. A prova de que o tratamento está dando bom resultado é quando o cuidador tem menos trabalho. Significa que o paciente está ficando mais independente. Agora, mais importante do que tratar e dar remédio ao paciente com o Mal de Alzheimer, é cuidar. O cuidar é o nome maior. Porque, além de se dar remédio, tem de ser feita a reabilitação cognitiva, que é o trabalho que a Universidade Federal Fluminense faz desde 1987, e até hoje temos pacientes desde essa época. Nós criamos o Laboratório de Neurologia que promove a reabilitação cognitiva. Esta é feita por meio de técnicas de estimulação. O paciente passa por avaliação neuropsicológica, funcional, fonoaudiológica. A UFF foi a primeira universidade a fazer avaliação multiprofissional e reabilitação cognitiva. E quando não for Mal de Alzheimer, mas uma demência reversível, a cura é praticamente total com essa metodologia. Hoje há um bom avanço em termos mundiais. O tratamento é medicamentoso e não-medicamentoso, sempre com o acompanhamento da família.

Quem já passou dos 40 anos pode evitar a doença? Como?

Qualidade de vida! Existe o fator genético, mas para quem não tem o componente genético é recomendado diminuir o estresse, mudar o estilo de vida, evitar todas as agressões que a

gente sofre (psíquicas, sociais e biológicas, etc.). Além de dieta adequada, atividades físicas, bom humor, gostar da vida. A atividade física – já existem pessoas prestando atenção nisso, e eu sou uma delas – protege muito o indivíduo de ter demência.

A perspectiva de vida para a mulher é de 72 anos e para o homem, 68. Como a medicina explica o fato de a mulher viver mais?

Primeiro, vou dar minha opinião, depois a explicação científica. No meu ponto de vista, a mulher é uma cuidadora-mor, nasce cuidando. Cuida dos filhos, da família, dela mesma. Ao cuidar da saúde da família, ela previne doenças. Isso é um fator social. Outro fator são os hormônios que a protegem. A maioria das pessoas atendidas por nossos serviços é de mulheres. Elas estão sempre fazendo tratamento para buscar o melhor para si e para a família. Com isso, ganham tempo de vida. É muito mais fácil trazer a mulher para fazer atividade física, teatro, do que tirar o homem lá da praça. E aqui, na UFF, oferecemos atividades para os homens também. A mulher vive mais porque busca essa qualidade. O dia em que o homem descobrir isso, ele vai viver mais.

Qual o número de atendimentos que vocês fazem atualmente?

Cerca de 400 pacientes. Mas de segunda a sexta-feira, incluindo todas as atividades que o programa oferece, atendemos uma média de 1,6 mil pacientes.

Qual é o primeiro teste quando o paciente procura atendimento?

Existe uma bateria de testes, porém o mais simples é o minixame de estado mental. Se o paciente estiver se esquecendo das coisas, mas não estiver com conflitos emocionais ou outros problemas, faz esse teste, padronizado no mundo inteiro.

Quais são os cursos oferecidos pelo Programa Interdisciplinar de Geriatria e Gerontologia?

Nós temos dois cursos importantes: o de atualização – de extensão, com duração de seis meses – e o de pós-graduação (especialização). Todos são interdisciplinares. O aluno faz o curso, gosta, se identifica, faz a especialização e acaba ficando como voluntário.

Saiba mais

Programa Interdisciplinar de Geriatria e Gerontologia da UFF

Informações pelos telefones 2620-2014, 2629-9607, 2629-9608 e 2629-9606 ou pelo e-mail posgeriatria@vm.uff.br

A ARTE SOBRE CADEIRAS DA CIA. ILIMITADA DA UFF

Lívia Duarte

Um balé diferente em diversos sentidos, em que cada componente não só contracenava com o outro, mas ajuda a superar os limites do seu par. Essa é a proposta do Núcleo de Inclusão e Arte Cia. Ilimitada UFF, que ensaia há três anos no Teatro da UFF. “Nós somos as pernas, eles os braços”, define a coreógrafa Thereza Gondim, ao falar da heterogeneidade do corpo de 11 bailarinos, que inclui cadeirantes e andantes, primando dessa maneira pela inclusão.

Anna Silvana Carvalhães, funcionária do Departamento de Difusão Cultural (DDC) e coordenadora do grupo – o único infanto-juvenil de dançarinos portadores de deficiências físicas no país –, tem o objetivo de melhorar a autoconfiança, construir a consciência corporal e desenvolver habilidades artísticas de seus alunos. Além disso, o projeto pretende aguçar o olhar da sociedade para as possibilidades que podem ser desenvolvidas por deficientes físicos quando lhes são dadas oportunidades.

Superação e aprendizado

O dia-a-dia do grupo é feito de aprendizagem, descobertas, desafios e, é claro,

muita dança. No início, a maior preocupação da coreógrafa era conhecer o limite das crianças. “Hoje sei que, com incentivo, não há esse problema. Elas mostram até onde podem chegar. Com o tempo, adquirem confiança e superam o medo: me deixam subir na cadeira, ficam muito ágeis, fazem as manobras com facilidade”, afirma, enfatizando a preocupação de ajudar as crianças a ter uma vida mais independente.

Os comentários dos bailarinos andantes confirmam as observações de Anna Silvana, quanto à atenção que passam a ter uns com os outros e ao fato de não haver sentimento de pena em relação às outras crianças. “É tudo de igual para igual”, ressalta a coordenadora.

Os novos integrantes que dançam sem cadeira já possuem formação em balé e foram escolhidos em audição pública. A solidariedade, a possibilidade de realizar uma atividade gratuita e, no caso dos recém-chegados, a oportunidade de ter uma nova experiência com dança são alguns dos atrativos desse projeto.

Nas apresentações, os deficientes transmitem todo o prazer que sentem com a arte. Anna Silvana, que também é psicóloga, explica que, por



Segundo a Organização Mundial da Saúde, 10% da população mundial, em tempo de paz, é portadora de alguma deficiência. Entretanto, não é comum vermos calçadas rebaixadas, rampas de acesso e banheiros públicos adaptados, sendo a condição física o menor empecilho para uma participação plena do cidadão na vida social. Na Reitoria da UFF, já foram realizadas algumas reformas para minimizar o problema, como a rampa de acesso ao palco do teatro e banheiros adaptados – reivindicações conquistadas principalmente por insistência do próprio grupo. Mas isso não é o mais comum. Muitas vezes a Cia. Ilimitada não pode se apresentar por falta de estrutura.

serem tão jovens, ou ainda não sabem nomear o que sentem ou não conseguem perceber as mudanças, por já estarem dançando há muito tempo. Ela afirma que o resultado do trabalho desenvolvido pelo grupo de dança, diferentemente da fisioterapia, vai além dos benefícios físicos. “Os pais relatam melhoras, nos deixando a par de cada avanço, tanto em casa como na escola.” A coreógrafa Thereza Gondim – que é bailarina clássica – também recebe elogios por parte dos pais, que relatam melhoras não só na postura, mas no comportamento de seus filhos.



Livros da Eduff

Antropolítica 16

Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da UFF.

Edição semestral
253 p. - R\$13



O antropólogo e professor Luiz de Castro Faria, falecido no ano passado, é o grande homenageado da 16ª edição da revista, em texto assinado por Felipe Berocan da Veiga. A publicação traz ainda artigos, resenhas e o dossiê *Políticas públicas, direito(s) e justiça(s) – perspectivas comparativas*, apresentado por Roberto Kant de Lima.

O Estado brasileiro: agências e agentes

Organizadora: Sonia Regina de Mendonça

298 p. - R\$ 30

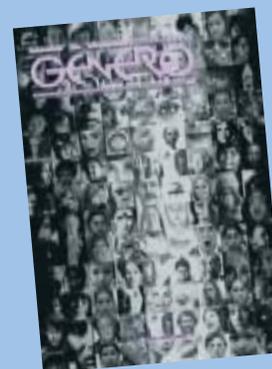


No Brasil, tornou-se usual debater a questão do Estado apenas sob a ótica da história institucional. Não é o caso de *O Estado brasileiro: agências e agentes*, produzido em co-edição entre a Eduff e a Editora Vício de Leitura. O livro reúne artigos que abordam o Estado brasileiro a partir da matriz gramsciana, concebendo-o como Estado ampliado.

Gênero, volume 4, número 2

Caderno do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero (Nuteg).

187 p. - R\$ 10



Tradicionalmente, a revista *Gênero* aborda as áreas das Ciências Humanas e Sociais e, particularmente neste número, constam artigos sobre o mercado de trabalho feminino no passado e na atualidade.